



**LINHA DE PESQUISA:
Geografia rural e agrária (meio ambiente rural)**

**Declínio da Produção de Abacaxi no Município de São
Miguel de Taipu – Estado da Paraíba**

JOÃO ANTERO DE SOUZA NETO

Guarabira – Paraíba

2011

João Antero de Souza Neto

Declínio da Produção de Abacaxi no Município de São Miguel de Taipu – Estado da Paraíba

Artigo apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, pelo acadêmico João Antero de Souza Neto, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de **Licenciado em Geografia**, sob a orientação do professor Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa.

GUARABIRA – PB

JUNHO DE 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S719d Souza Neto, João Antero de
Declínio da produção de abacaxi no Município
de São Miguel de Taipu – Estado da Paraíba / João
Antero de Souza Neto. – Guarabira: UEPB, 2011.
27f. Il. Color.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.
“Orientação Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da
Costa”.

1. Cultura do Abacaxi 2. Produção - Declínio
3. São Miguel do Taipu I.Título.
22.ed. CDD 634.774

JOÃO ANTERO DE SOUZA NETO

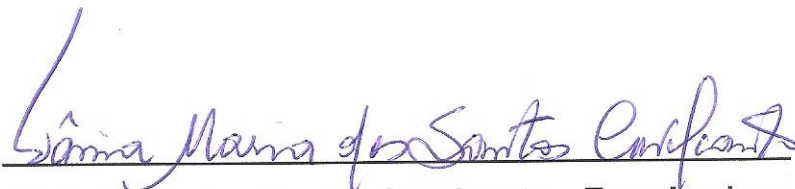
Declínio da Produção de Abacaxi no Município de São Miguel de Taipu – Estado da Paraíba

Aprovado em 22 de JUNHO de 2011

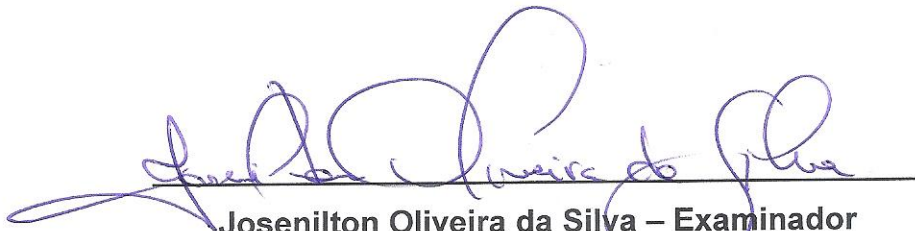
BANCA EXAMINADORA



**Francisco Fábio Dantas da Costa – Orientador
Professor do Departamento de Geografia e História**



**Tânia Maria dos Santos Cavalcante – Examinadora
Especialista em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**



**Josenilton Oliveira da Silva – Examinador
Especialista em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

“O homem só pode descobrir novos oceanos,
se tiver a coragem de perder a terra de vista.”

- *Autor Desconhecido* -

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que me apoiaram nesta trajetória, em especial, a minha mãe, pela confiança, carinho, dedicação e incentivos nas horas mais difíceis, a minha noiva pessoa muito especial em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A meu Deus protetor de todos nós.

As pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para vencermos essa etapa de estudo.

Aos meus professores do Curso de Geografia.

A minha tia, pela acolhida em sua casa.

Ao meu orientador, Prof. Fábio, pela confiança, paciência e, sobretudo, pelos ensinamentos transmitidos.

Declínio da Produção de Abacaxi no Município de São Miguel de Taipu – Estado da Paraíba

LINHA DE PESQUISA: Geografia rural e agrária (meio ambiente rural)

AUTOR: João Antero de Souza Neto

ORIENTADOR: Prof. Francisco Fábio Dantas da Costa

EXAMINADORES: Esp. Tânia Maria dos Santos Cavalcante
Esp. Josenilton Oliveira da Silva

RESUMO

São Miguel de Taipu é um município que vive basicamente da agricultura, de modo que a maior parte da sua população encontra-se ocupada nesse setor. Sua economia gira em torno da agricultura, com grande destaque para a produção de abacaxi, porém nos últimos anos observa-se um declínio acentuado na produção desse fruto: no início desta década o município figurava na lista dos maiores produtores de abacaxi do Estado da Paraíba, registrando atualmente profunda diminuição da área plantada e da quantidade produzida. Esse fato contrasta com a realidade observada para o Estado da Paraíba, responsável por grande produção desse fruto e ocupando os primeiros lugares no ranking nacional de produção do abacaxi. Este trabalho tem como objetivo, compreender as principais causas que levaram o município a sofrer essa diminuição da produção de abacaxi e quais as conseqüências imediatas desse processo, com fortes repercussões para a vida dos trabalhadores rurais.

Palavras-chave: Cultura do abacaxi. declínio da produção. São Miguel de Taipu.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
1 Revisão da Literatura	11
2 Caracterização Geográfica da Área de Estudo	15
3 Resultados e Discussões	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

Em virtude do cultivo do abacaxi constituir a base econômica do município de São Miguel de Taipu, e também por estar passando por um período de declínio, torna-se oportuno desenvolver estratégias para avaliar as causas e conseqüências desse processo.

A presente pesquisa destina-se a suprir uma lacuna existente, quanto a importância do cultivo do abacaxi para o município em questão. O tema foi escolhido em função, principalmente, dos seguintes fatores:

- Aspectos positivos e negativos da produção de abacaxi para o município de São Miguel de Taipu;
- Desenvolvimento da economia;
- Declínio da Produção.

Portanto, este trabalho tem como objetivo compreender as principais causas que levaram o município a sofrer essa diminuição da produção de abacaxi e quais as conseqüências imediatas desse processo, com fortes repercussões para a vida dos trabalhadores rurais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi dividida em duas etapas:

1ª) Fase de gabinete: Nesta etapa foram realizadas coletas de materiais bibliográficos e dados censitários sobre a produção agrícola do município. Do ponto de vista teórico, foram consultadas as seguintes obras:

- A Terra e o Homem no Nordeste (Manuel Correa de Andrade);
- Os Rios do Açúcar do Nordeste Oriental: o rio Paraíba do Norte (Gilberto Osório de Andrade);
- Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba (Emília de Rodat Fernandes Moreira e Ivan Targino Moreira);
- Por um Pedaco de Chão (Emília de Rodat Fernandes Moreira).

Nessa etapa, buscou-se também levantar, sistematizar e analisar os dados estatísticos fornecidos pelo IBGE (produção agrícola, estrutura fundiária, etc.) e pela Secretaria Municipal de Agricultura.

2ª) Fase de campo: Nesta etapa foram realizadas as entrevistas com os agricultores do município, bem como o registro fotográfico. Esses materiais foram imprescindíveis para a elaboração do trabalho.

1 Revisão da Literatura

No Brasil, a produção de gêneros agrícolas de exportação (café, soja, algodão, cana-de-açúcar, laranja, etc.) ocorre em grandes propriedades rurais (latifúndios). Este modelo de cultivo da terra remonta ao período do descobrimento, no qual o território brasileiro foi dividido em 15 grandes lotes de terras chamados de capitâneas hereditárias, que eram entregues a pessoas de confiança do rei ou que pertenciam a nobreza. Esses donatários eram obrigados a produzir, proteger as terras, gerar tributos e não podiam vendê-las de forma alguma, podendo apenas transferi-las aos seus parentes, daí a origem do nome de capitâneas hereditárias (STÉDILE,1997).

Ainda segundo o autor:

Os donatários tinham o direito de repartir e distribuir parcelas de sua capitania, que eram chamadas de sesmarias entregues àqueles que, além de interesse, apresentassem recursos para explorá-las. Isso implicava produzir gêneros comercializáveis, gerando tributos e conseqüentemente, lucros para a coroa. Essa situação explica a opção monocultor, que caracterizou a economia e a sociedade brasileiras por vários séculos (STEDILE,1997, p. 9).

A princípio o interesse da coroa portuguesa era o de explorar o território e tentar encontrar recursos minerais, principalmente ouro, porém durante o século XVI esse objetivo não foi alcançado, porque não encontraram nenhum indício de descoberta de grande quantidade desse metal. Por outro lado, a coroa percebeu que a colônia poderia gerar lucros através de outra atividade (a produção do açúcar), uma vez que os portugueses dominavam as técnicas da cultura e já haviam implantado com sucesso a monocultura em outras colônias. Eles perceberam também que o novo território apresentava ótimas condições para a disseminação dos partidos de cana-de-açúcar (clima úmido e chuvoso, existência de solos com elevada fertilidade natural, etc.). A partir daí foram instalados os primeiros engenhos de produção de açúcar no Brasil e a economia dos XVI e XVII baseou-se predominantemente no plantio da cana-de-açúcar e na produção de açúcar, destinado a abastecer o mercado europeu. Essa monocultura foi dominante durante cerca de três séculos, sustentada principalmente pela mão de obra escrava de origem africana (STÉDILE,1997).

O Brasil exportou no ano de 2008, US\$ 61,4 bilhões em produtos agropecuários. No período de 2000 a 2008, houve um crescimento médio anual de 18,6% em relação às exportações agrícolas, fato que levou o país a ocupar o terceiro lugar no ranking das exportações agrícolas, segundo dados de 2008 da Organização Mundial do Comércio *apud* Jornal o Estadão (2010). Se a produção agrícola é suficiente para alimentar a população, por que será que existe tanta fome e miséria neste país?

Muitos estudos apontam que a expansão das culturas de exportação tem provocado a retração das culturas alimentares, conforme denuncia Adrioli (2008):

O Brasil produz excessivamente soja, café, algodão, cacau, laranja, enfim, as monoculturas destinadas a exportação, produtos que em sua maioria não são consumidos pelos brasileiros. Por outro lado, produz pouco arroz, feijão e mandioca que constituem a base alimentar dos brasileiros.

Ao cultivar soja em grande quantidade de terras, deixa-se de produzir gêneros alimentares destinados ao consumo da população, como por exemplo, o arroz e o feijão. Ademais, a soja produzida e exportada é transformada em ração para alimentar os rebanhos dos países ricos.

Desde os tempos da colônia, como foi visto anteriormente, a monocultura da cana sempre conferiu poder econômico e político aos grandes proprietários rurais da Zona da Mata nordestina. Na verdade, as condições naturais da região favoreceram a expansão dessa planta, conforme destacou Andrade (1987, p. 81):

Dentre as culturas que se destinam a exportação destaca-se a da cana-de-açúcar que ocupa grandes trechos da faixa oriental do Nordeste, onde os solos de barro vermelho, oriundos da dissolução de rochas graníticas e gnáissicas, e de massapé, situadas nas várzeas dos rios, aliados ao clima tropical úmido, favorecem o seu desenvolvimento.

A partir da década de 70 houve uma expansão da produção devido ao Proálcool, programa criado pelo governo federal para incentivar a produção de cana-de-açúcar para extrair o álcool combustível, tendo em vista a crise energética provocada a partir das guerras envolvendo os países produtores de petróleo no oriente médio (ANDRADE, 1987, p. 77).

Vale ressaltar que a expansão da monocultura da cana provocou a retração da agricultura familiar, que por sua vez é responsável pela oferta de alimentos para o mercado interno. Ao se reportar à agricultura familiar, Abramovay (s.d., p. 2), lembrou que esta ainda é taxada de forma generalizada como agricultura de subsistência, pequena produção, produção de baixa renda (essas definições mostram um pré-julgamento em relação ao desempenho econômico dessa atividade). Ainda segundo o autor, a agricultura familiar busca alcançar o desenvolvimento rural sustentável e descentralizado, propiciando uma ocupação regular do campo, onde os agricultores possam produzir alimentos para sua própria subsistência e destinar os excedentes da sua produção para o comércio local e regional, levando, dessa forma, a cidadania para o campo.

Em São Miguel de Taipu, município objeto dessa pesquisa, a cana-de-açúcar não ocupa mais a posição de destaque. O fechamento de importantes engenhos e a implantação de projetos de assentamentos rurais nas últimas décadas propiciaram a introdução e a expansão da cultura do abacaxi. Essa planta passou a ser cultivada em pequenas propriedades a partir dos estímulos creditícios do Banco do Nordeste do Brasil (CUNHA, 2010, p. 33).

Torna-se oportuno salientar que a produção do fruto do abacaxi no Município de São Miguel de Taipu se realiza em pequenas propriedades rurais, que em média não ultrapassam os 10 hectares. Essa produção se dá através do arrendamento de terras, principalmente nos assentamentos rurais, pois a maioria dos assentados não possui experiência para cultivar essa planta e também não possui capital financeiro suficiente para contratar mão de obra e custear as despesas decorrentes do cultivo do fruto do abacaxi, restando como única alternativa o arrendamento de seus lotes para terceiros. Esse fato acaba contrariando um dos objetivos da reforma agrária que é a produção de vários alimentos (policultura), por parte dos assentados, proporcionando assim a sua sobrevivência e a permanência no local.

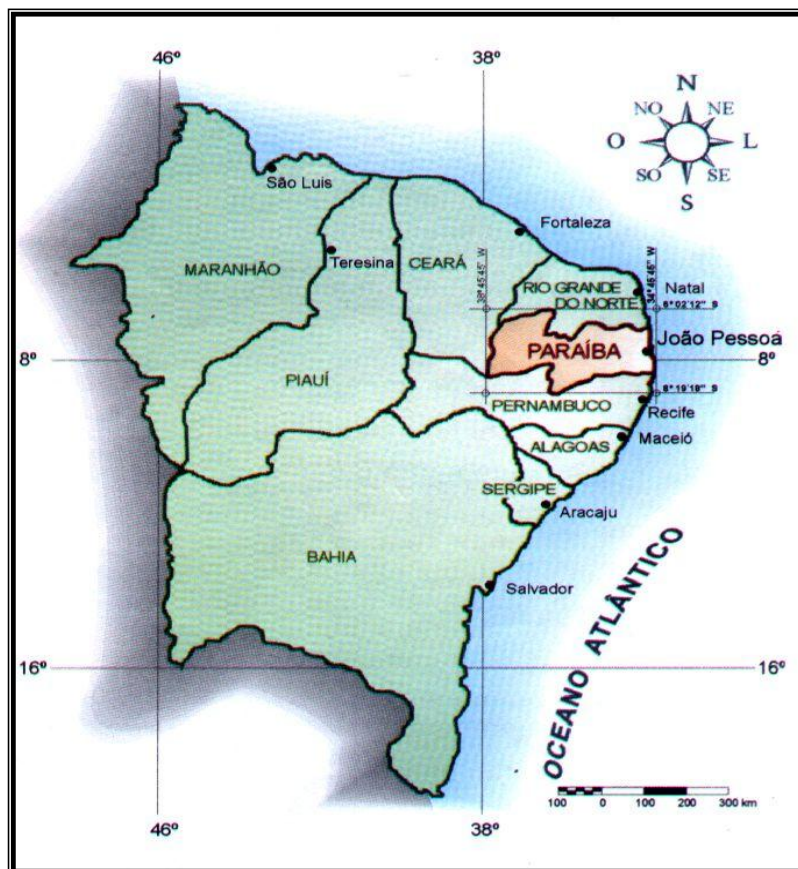
Em relação ao cultivo dessa fruta, as terras estão sendo produzidas de forma errada e algumas já estão chegando ao estado de exaustão extrema, pois não há na maioria das propriedades a rotatividade da lavoura. Além disso, são usados indiscriminadamente muitos defensivos agrícolas para o controle de pragas, trazendo prejuízos aos solos e aos corpos líquidos.

Não existe também a preocupação com a seleção das sementes, para que a planta possa alcançar um fruto maior (planta-se o que tem disponível). Os agricultores também não sabem utilizar os insumos adequados para cada tipo de solo e muitos estão endividados, fatos que contribuem para o processo de declínio dessa cultura no município.

2 Caracterização Geográfica da Área de Estudo

O Estado da Paraíba está localizado na região Nordeste do Brasil, ocupa uma área de 56.340,9 km² e limita-se ao norte com o Estado do Rio Grande do Norte, ao sul com o Estado de Pernambuco, a oeste com o Estado do Ceará e a leste com o oceano Atlântico. O mesmo encontra-se dividido em 4 mesorregiões geográficas – Mata Paraibana, Agreste Paraibano, Borborema e Sertão (RODRIGUEZ, 2002). Observe a **Figura 1**.

FIGURA 1 – A PARAÍBA NO NORDESTE DO BRASIL



Fonte: Adaptado de:

RODRIGUEZ, Janete Lins (Coordenadora). Atlas Escolar da Paraíba: espaço geo-histórico e cultural. João Pessoa: Grafset, 3ª edição, 2002, p. 11.

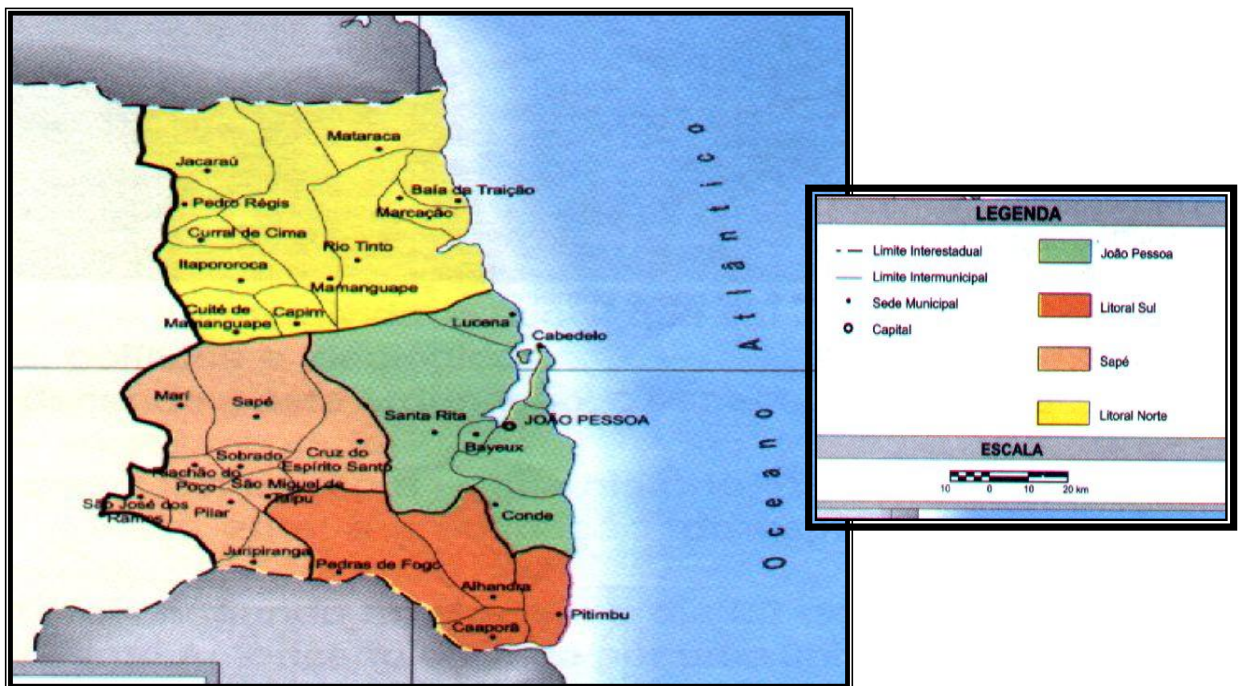
Ainda de acordo com Rodriguez (2002), a economia do Estado da Paraíba baseia-se na produção agropecuária, na indústria de couro e no turismo. Na agricultura, destaca-se a produção de cana-de-açúcar, abacaxi, mandioca, milho, feijão, algodão herbáceo, algodão arbóreo e bananas. No que se refere à pecuária, o Estado tem importante rebanho gado bovino, suíno, caprino, ovino e eqüino. Além

de artigos de couro, também são industrializados produtos alimentícios, têxteis, açúcar e álcool.

O município de São Miguel de Taipu localiza-se na mesorregião da Mata Paraibana e na microrregião de Sapé, esta última composta por 9 municípios. Ele limita-se ao norte com o município de Sobrado, ao sul com os municípios de Pedras de Fogo e Juripiranga, a leste com o município de Cruz de Espírito Santo e a oeste com os municípios de Riachão do Poço e Pilar (**Figura 2**). Situa-se a apenas 55,2 km de distância de João Pessoa, capital do Estado, cujo acesso se dá pelas rodovias BR 230, PE-042 e PE-048.

De acordo com o IBGE (2010), São Miguel de Taipu apresenta uma população de 6.812 pessoas.

FIGURA 2 – MESORREGIÃO DA MATA PARAIBANA E MICRORREGIÕES



Fonte: *Adaptado de:*

RODRIGUEZ, Janete Lins (Coordenadora). Atlas Escolar da Paraíba: espaço geo-histórico e cultural. João Pessoa: Grafset, 3ª edição, 2002, p. 15.

A base econômica do município de São Miguel de Taipu é predominantemente agrícola, com a grande maioria de sua população ocupada nesse setor. Assim como a maioria dos municípios localizados na microrregião de Sapé e mesorregião da Mata Paraibana, São Miguel de Taipu tem o perfil voltado para a exploração de produtos agrícolas originários da lavoura temporária, principalmente abacaxi e cana-de-açúcar, além da mandioca, batata-doce, milho e feijão. As lavouras permanentes estão representadas pelo coco, manga e outros produtos da fruticultura regional, porém sem nenhuma expressão econômica (IBGE).

São Miguel de Taipu já foi um grande produtor de cana-de-açúcar, possuindo no passado alguns engenhos em seu território. Também já cultivou agave e algodão em grande quantidade, cuja produção era vendida para a cidade de Itabaiana e transportada através dos trens para as capitais do Nordeste. Na década de 70, com o advento do Proálcool ocorreu a expansão da monocultura da cana-de-açúcar, fato que provocou a expulsão da população rural para a cidade.

A crise do Proálcool, o crescimento dos movimentos sociais pela reforma agrária e o fortalecimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais foram os principais responsáveis pela drástica redução da área plantada com a cana-de-açúcar e a conseqüente expansão do cultivo de outros produtos, principalmente o abacaxi (MOREIRA e TARGINO, 1997).

Hoje a principal atividade econômica observada no município é o cultivo do abacaxi, planta bastante adaptada as condições naturais do lugar (topografia suave e solos com fertilidade que varia de média a baixa). Apesar dessa cultura render mais lucro aos produtores, estes ainda complementam a renda familiar plantando milho, feijão, mandioca e inhame.

3 Resultados e Discussões

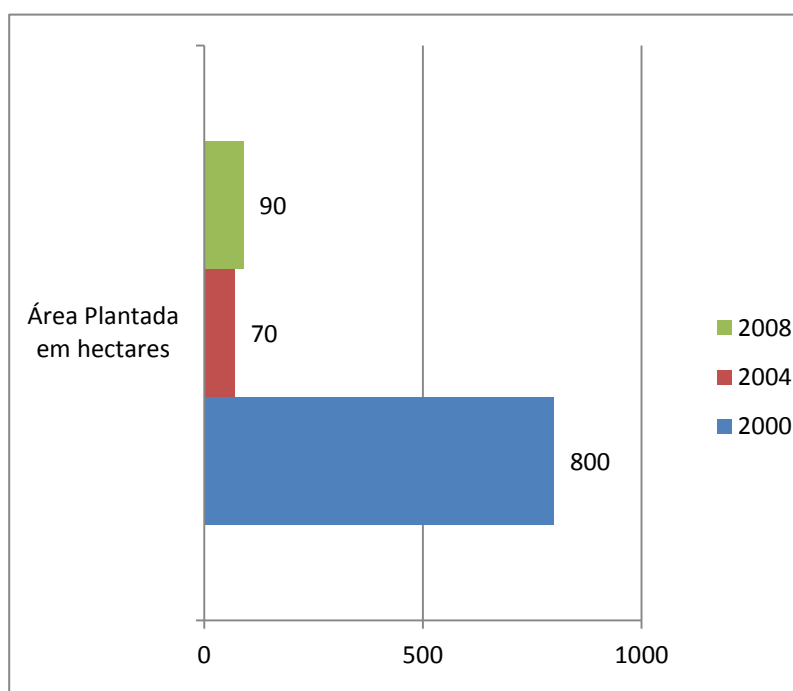
Com a crise enfrentada pelo setor canavieiro, o município de São Miguel de Taipu passou a produzir outra lavoura de caráter meramente comercial – o abacaxi. Porém, nos últimos anos essa atividade enfrenta uma profunda crise, cujos reflexos podem ser observados na área plantada (**Tabela 1 e Gráfico 1**).

TABELA 1 – CULTURA DO ABACAXI – ÁREA PLANTADA (HECTARES)

Anos	Hectares Plantados
2000	800
2001	540
2002	400
2003	50
2004	70
2005	40
2006	110
2007	80
2008	90

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal do Estado da Paraíba. Rio de Janeiro: IBGE.

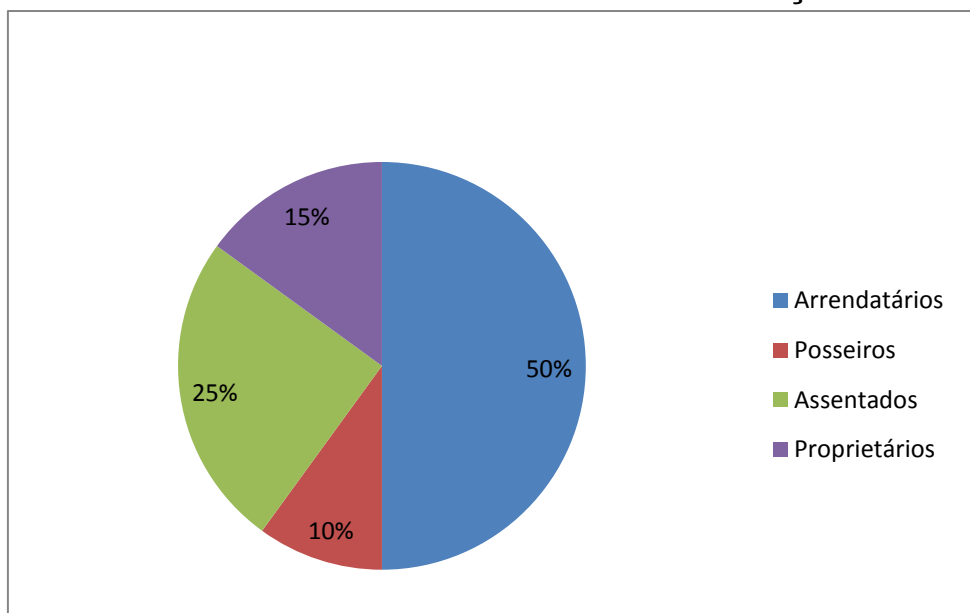
GRÁFICO 1 – CULTURA DO ABACAXI – ÁREA PLANTADA (HECTARES)



Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal do Estado da Paraíba. Rio de Janeiro: IBGE.

Através da tabela e do gráfico expostos na página anterior é possível perceber que o ano de 2000 foi o mais promissor para a cultura do abacaxi no município, tendo a área plantada atingido a marca dos 800 hectares. Esse fato deveu-se principalmente ao período de maior acesso aos financiamentos para os agricultores, através do Banco do Nordeste do Brasil. No entanto, a partir do ano de 2003 o referido banco aumentou as exigências para os financiamentos tendo em vista o endividamento e a inadimplência por parte de muitos agricultores. Com efeito, observou-se uma enorme diminuição da área plantada no período 2003-2008, atingindo apenas 440 hectares, número bem inferior ao observado nos anos de 2000 e 2001, considerados separadamente.

GRÁFICO 2 – TERRAS UTILIZADAS PARA PLANTAÇÃO DO ABACAXI



Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura. São Miguel de Taipu

O gráfico acima relaciona a produção do abacaxi de acordo com a forma de utilização das terras. Segundo os agricultores entrevistados, a grande dificuldade está na falta de terra própria, problema que atinge metade dos pequenos produtores que precisam arrendar terras, ampliando ainda mais os gastos com a produção. Além desse problema, os agricultores também apontaram outras questões que exigem atenção por parte das autoridades locais:

- A falta de financiamento agrícola ou, em outros casos, a liberação de crédito fora da época propícia para o plantio;
- As dificuldades de acesso ao crédito por causa da burocracia excessiva praticada pelo banco;
- A pouca disponibilidade de água, limitando o plantio ao período de inverno;
- A ação dos intermediários, que compram a produção por preços irrisórios. Muitos vendem o produto na “palha”, com preço ainda mais baixo;
- O desconhecimento dos preços praticados no mercado, fazendo com que os pequenos produtores fiquem limitados apenas às informações trazidas pelos compradores (intermediários);
- O aumento da inadimplência em relação ao principal agente financiador, o Banco do Nordeste do Brasil;
- A venda do produto sem a formalização de um contrato, de modo que muitos produtores acabam não recebendo o pagamento acertado;
- A fragilidade das associações comunitárias de trabalhadores rurais;
- O abacaxi é vendido “in natura”, pois a única fábrica da região está localizada no município de Sapé, que paga muito pouco pelo produto;
- A inexistência de agroindústrias para agregar valor aos produtos, especialmente o abacaxi.

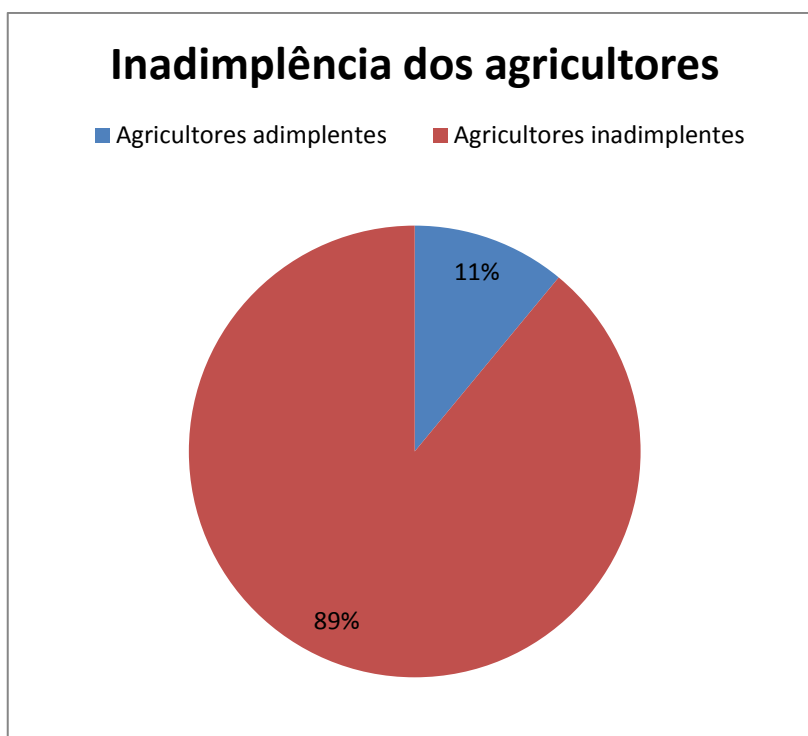
A Secretaria Municipal de Agricultura realizou um levantamento no início do ano de 2009 e constatou que 89% dos agricultores do município estão inadimplentes com órgãos financiadores e 11% não estão nesta situação, seja porque quitaram suas dívidas ou nunca contraíram qualquer tipo de financiamento (**Gráfico 3**).

A falta de capital para investir no cultivo do abacaxi é apontada pelos agricultores como o principal fator ocasionador desta decadência, pois muitos produtores encontram-se inadimplentes e impossibilitados de contrair novos financiamentos. Porém, existe outro fator apontado pelos produtores locais: a falta de acompanhamento técnico por dos órgãos públicos competentes tem prejudicado o cultivo, principalmente no que se refere ao uso de defensivos químicos (muitos

afirmaram que são orientados apenas pelos vendedores desses produtos e não sabem precisar os efeitos destes sobre o meio ambiente e sobre a saúde dos trabalhadores).

A EMATER oferece apenas capacitações esporádicas aos agricultores, uma vez que não dispõe de muitos recursos para dar uma assistência adequada, haja vista que a zona rural do município é extensa e de difícil acesso (a época do plantio coincide também com a época de chuvas e cheias do rio Paraíba, aumentando assim o percurso até chegar a algumas comunidades rurais). Já a Secretaria de Agricultura do Município disponibiliza o trator para fazer a aragem das terras e também o transporte das sementes de abacaxi, de modo que o agricultor contribui apenas com uma parte do combustível da máquina.

GRÁFICO 3 – INADIMPLÊNCIA DOS AGRICULTORES



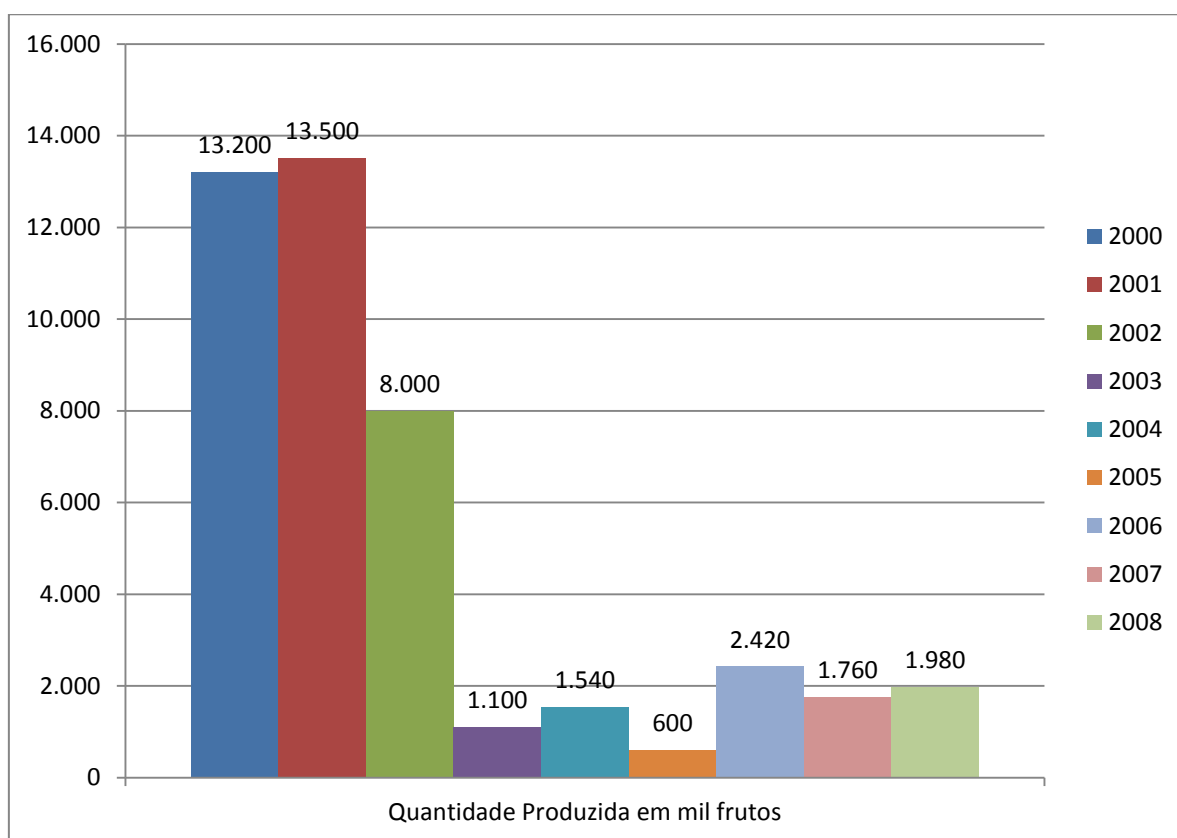
Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura. São Miguel de Taipu (2010).

Depois do plantio, quando o chega o período da venda do produto, os agricultores enfrentam mais problemas uma vez que ficam reféns dos “atravessadores” que compram a produção por preços aviltados, reduzindo em até

50% o lucro dos agricultores (eles não têm informações reais dos preços praticados no mercado). Os atravessadores direcionam a produção aos mercados consumidores dos grandes centros.

A venda do produto ocorre de maneira informal, sem nenhuma garantia de recebimento por parte do pequeno agricultor. Além disso, este depende da ação dos atravessadores, pois não consegue levar sozinho o produto até os centros consumidores em função da ausência de transporte próprio.

GRÁFICO 4 – CULTURA DO ABACAXI – QUANTIDADE PRODUZIDA (MIL FRUTOS)



Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal do Estado da Paraíba. Rio de Janeiro: IBGE.

O gráfico acima demonstra que entre os anos de 2000 e 2002, o município de São Miguel de Taipu apresentou uma elevada produção de abacaxi, sustentada pelo acesso fácil as linhas de financiamento do Banco do Nordeste do Brasil. Entretanto, a partir de 2004 verificou-se uma forte retração dessa cultura, cujos fatores já foram apontados anteriormente.



O município de São Miguel de Taipu caminha na contramão da realidade estadual, pois a Paraíba ocupa os primeiros lugares do ranking nacional de produção de Abacaxi. Devido a todas essas dificuldades apontadas anteriormente, é importante destacar o fato de alguns agricultores, principalmente de áreas de assentamentos, estarem arrendando suas terras para a produção de cana-de-açúcar e de outros gêneros.

É importante ressaltar a potencialidade da região para o cultivo do abacaxi, ou seja, as condições edafo-climáticas fazem dessa fruta uma das melhores produzidas no país. É necessário que haja uma difusão de técnicas de manejo sustentável dos recursos do solo, água e vegetação para possibilitar melhorias substanciais na produção desse fruto, haja vista que o uso desordenado desses recursos tornará algumas áreas impróprias para o plantio.



Frutos de uma plantação na localidade do Sítio Taipu.

Foto e arquivo: João Antero, fevereiro de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo foram apontadas algumas causas para o declínio da produção de abacaxi no município de São Miguel de Taipu, cultura responsável pelo emprego de parte considerável da População Economicamente Ativa do setor. Com efeito, torna-se oportuno estabelecer algumas ações para reverter esse quadro:

- Ampliar e melhorar a assistência técnica, capacitando os agricultores em todas as etapas da produção (preparo da terra, plantio, colheita e armazenamento);
- Refinanciar as dívidas, possibilitando assim o acesso novamente aos créditos existentes;
- Criar alternativas de industrialização para o abacaxi, de modo que o agricultor possa agregar valor à produção, aumentando com isso a renda familiar;
- Diminuir a ação dos intermediários, proporcionando uma ligação direta dos agricultores com os mercados existentes;
- Melhorar as estradas vicinais do município, para facilitar o escoamento da produção em qualquer época do ano;
- Fortalecer o comércio local;
- Ampliar a infra-estrutura hídrica através de canais de irrigação, construção de cisternas de placas, etc.

Para a concretização dessas metas é necessária a participação de vários segmentos sociais: agricultores, sindicato rural, associações de moradores, prefeitura, governo do Estado, etc. Dessa forma o município poderá voltar a figurar no cenário estadual como um dos maiores produtores de abacaxi, impulsionando o crescimento econômico e melhorando a qualidade de vida daqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente com o cultivo dessa planta.

REFERÊNCIAS

- ANDRANDE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste: Contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ANDRANDE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica do Nordeste: O Espaço e a Economia Nordestina**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CUNHA, Fernando Targino da. **São Miguel de Taipu Conta a Sua História**. 1 ed. João Pessoa: Sal da Terra, 2010.
- GUANZIROLIE, Carlos et al. **Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- MOREIRA, Emilia de Rodat Fernandes e TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Uniiversitária/UFPB, 1997.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Geografia das Lutas No Campo**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- RODRIGUEZ, Janete Lins. **Atlas Escolar Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 2002.
- SILVA, José Graziano da. **Para Entender o Plano Nacional de Reforma Agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil: o debate tradicional – 1500 – 1960** / João Pedro Stedile (org). 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- STÉDILE, João Pedro (org.). **A Questão Agrária no Brasil: Programas de Reforma Agrária: 1946-2003**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- STÉDILE, João Pedro. **Questão Agrária no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Atual, 1997.
- WWW.adital.com.br/Site/noticia_imp.asp?cod=3117&lang=PT Acesso em 22/05/2010.
- WWW.brasilecola.com/sociologia/reforma-agraria.htm. Acesso em 05/05/2010.
- WWW.espacoacademico.com.br/090/90andrioli.pdfartigo Acesso em 20/03/2011.
- WWW.estadão.com.br/noticia_imp.php?req=economia,Brasil-já-e-o-terceiro-mai..... Acesso em 03/06/2011.
- WWW.infoescola.com/historia/ciclo-da-cana-de-acucar/print/ Acesso em 05/05/2010.

WWW.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=99&z=p&o=23&i=p> Acesso em 19/03/2010.